

OS CIRCUITOS COMERCIAIS DAS EMPRESAS DO RAMO DE RECIDOS, MODAS E ARMARINHOS DO RIO DE JANEIRO: O ESTUDO DE DOIS CASOS

EULÁLIA MARIA LAHMEYER LOBO
UFF/UFRJ

O Rio de Janeiro desempenhou um papel central no comércio interno e externo do Brasil, nos séculos XIX e XX, foi o núcleo pioneiro da indústria e teve a primazia nessa atividade até a segunda década do século XX. O comércio de varejo e atacado de importação e exportação carioca, tem sido amplamente estudado nas últimas três décadas¹, porém os circuitos mercantis ainda não foram adequadamente analisados.

O Rio de Janeiro singulariza-se por ser uma cidade em que a acumulação de capital vinculada ao comércio ocorreu quando já estava declinando a exportação do café por esse porto. Não foi um apêndice do campo e da produção agrícola. Usufruiu de uma vasta rede de comércio interno que se estendia do Pará ao Rio Grande do Sul, do litoral ao planalto central. Disponha de um sistema financeiro importante e da primeira Bolsa de Valores do país.

Os imigrantes portugueses exerceram um papel relevante no comércio e nos setores financeiro e industrial. Wagner Chagas Menezes² fez um levantamento do pequeno comércio a varejo, dos ramos de açougue, padaria, peixaria, secos e molhados, casas de pasto, restaurantes, botequins e armarinhos e fazendas, averiguando que a preponderância portuguesa nesses ramos atingia 60,63%. Rubenita Vieira³ aponta 75% de lusos no ramo de armarinho e 25% de brasileiros. O primeiro dos dois autores citados ainda conclui, a partir dos dados da Junta do Comércio, que os portugueses eram proprietários de 40 a 46% dos pequenos estabelecimentos comerciais do espaço central da cidade do Rio de Janeiro, de 1889 a 1903.

O espaço central compreendia, segundo a definição desse autor, um retângulo tendo a Praça da República, a Oeste, o cais da Praça, a Leste, a Prainha, ao Sul, e os morros de Santo Antônio e do Castelo, ao Norte.

As cartas de um comerciante português, Antonio Dias Leite, que trabalhou na Casa Costa Pacheco, situada no centro do Rio de Janeiro, de 1893 a 1918, estabelecimento de atacado e varejo do ramo de armarinho e tecidos, e fundou outra casa congênere com um sócio, também português, a Siqueira Leite, revelam alguns aspectos da importação que me parecem pouco estudados. Creio que têm relevância, dada a importância desse ramo mercantil no Rio de Janeiro e da participação portuguesa nele. As cartas, apesar de serem de caráter familiar, descrevem a rede de importações internacional dessas duas casas comerciais e a extensão do mercado interno de que dispunham.

Antonio Maria da Costa, José Pinto Pacheco e Antonio Julio da Costa foram: “os sócios solidários fundadores e únicos gerentes da firma Costa Pacheco e Cia. Com commercio de armarinho, modas e perfumarias nesta praça (Rio de Janeiro) na rua do Hospício 55 e Rosário 84.” “O estabelecimento começou a funcionar em 1º de janeiro de 1889, sendo o contracto arquivado em 20 de abril do referido ano.” A declaração data de 2 de abril de 1891.⁴ Wagner Chagas⁵ de Menezes assinala que em 1889 a média do capital dos contratos sociais, no Rio de Janeiro, estava em torno de 4.000 libras, atingindo em 1890 a elevada soma de 8.000 libras. Foi o maior valor alcançado no período de 1889 e 1903 e representou pouco mais de cinco vezes o valor mediano dos contratos.

A expansão de 1889 foi liderada pelo setor de armarinho e fazendas, cuja média de investimentos em novos contratos sociais foi de 7.747,63 libras, aproximadamente duas vezes maior do que a do ramo de açougue, o segundo ramo em novos investimentos nesse ano. Tal expansão decorreu do elevado crescimento da indústria têxtil, cujo capital de investimento passou de 13 para 49 milhões de mil-réis em capital integralizado na bolsa de valores e de 6 para 24 mil-réis de títulos.⁶

Em 1890 o aumento na média dos valores dos contratos sociais foi devido aos açougues que se elevou de 3.502,97 libras para 28.203,44 libras, fato que Wagner Chagas de Menezes julga de difícil explicação. Talvez possa, em parte, ser uma consequência da forte expansão populacional do Rio de Janeiro com a entrada de imigrantes, sobretudo portugueses, e de migrantes rurais, em decorrência da abolição da escravatura e da crise da lavoura do café no Estado do Rio de Janeiro. O decréscimo dos índices do custo da alimentação de 1895 a 1899 também pode ter influído, aumentando o poder aquisitivo do mercado interno. O abastecimento de carne do Rio de Janeiro passou por várias crises resultantes dos conflitos entre monopolistas e liberais.

As facilidades de crédito abertas pelo governo contribuíram para a expansão comercial durante o Encilhamento.

Em 1892 a firma Costa Pacheco substituiu o sócio José Pinto Pacheco por Antonio Augusto Pacheco, conservando, no entanto, a propriedade solidária das duas famílias Costa e Pacheco. Em 1896 entrou novo sócio, Joaquim Carvalheiro e a firma estava em ascensão, tendo aberto filial em São Paulo e em 1900 aceito mais um sócio, Alvaro da Rocha, o primeiro brasileiro, e inaugurado nova sede, na Avenida Rio Branco, nº 1, local muito valorizado.⁷

O registro do contrato social da firma Costa Pacheco e Cia. De 28 de março de 1885⁸ estipula que é uma “sociedade em comandita que entre si fazem Antonio Maria da Costa, José Pinto Pacheco, Manuel José Pereira Guimarães, subditos portugueses domiciliados na cidade do Rio de Janeiro...”

“O objetivo da sociedade era o de compra e venda de artigos de armarinho, modas e outros que lhe possam convir e tendo importação directa e de conta própria.”⁹

A sede era às ruas do Hospício, 55 e do Rosário, 94. O capital da sociedade seria de 220 contos de réis, fornecido pelos dois sócios solidários e pelo sócio comanditário, Manuel José Guimarães.

O contrato tinha vigência até 31 de dezembro de 1889 (3 anos de duração). A gerência da casa cabia exclusivamente aos sócios solidários. Qualquer dúvida seria decidida por arbítrio e nunca pelos tribunais. O balanço seria feito em dezembro. Os lucros ou prejuízos seriam divididos em percentagens de 37,5% para os sócios solidários e 35% para o comanditário. Estipulava ainda, o contato, as condições de saída de sócio ou de morte e as retiradas mensais dos sócios.

O capital previsto na fundação da firma em 1885, de 220 contos de réis, a situa como uma empresa de grande porte, mas no fim dos 3 anos do primeiro contrato, em 1889, o capital declinara para 50 conto de réis. Nesse ano, o capital médio das pequenas empresas é de 70 contos para armarinhos e fazendas, setor líder; seguido por açougues, 31 contos e 800 réis; secos e molhados, 28 contos e 526 réis; padarias e confeitarias, 8 contos e 701 réis.¹⁰

Em 1889, no registro de firmas do Rio de Janeiro lusas e brasileiras, a de espelhos, La Glace Élégante, tinha capital de 50:606\$; fábrica e loja de chapéus, de 60:000\$; padaria francesa, de 27:767\$.

Em 10 de abril de 1889¹¹, há um distrato da Cia. Costa Pacheco devido a retirada do sócio Manoel José Pereira Guimarães, que recebe 150:000\$ pelo capital e lucros. Ele tinha entrado na fundação da Cia. em 1885 com 80:000\$, obtendo, portanto, elevado lucro. Um novo contrato, com vigência de 1889 a 1892, é celebrado após a Cia. ter sido dissolvida e liquidada. Tal fato pode estar vinculado ao fim do Encilhamento, em 1892, e ao auge do jacobinismo.

A firma é restabelecida, em 1896, com os sócios Antonio Maria da Costa, Antonio Julio da Costa, Antonio Augusto de Carvalho Pacheco, Joaquim Carvalheiro, todos portugueses.

O capital social sofre uma elevação excepcional para 1.500:000\$, passando a firma para a categoria de grande empresa. Wagner Chagas de Menezes¹² indica a média de 43:367\$ do pequeno comércio de armarinho e fazendas.

O objetivo da firma passa a ser de compra e venda de mercadorias de armarinho e modas, por atacado e de artigos anexos do ramo. Esse aumento do capital social é difícil de explicar, pois o período de 1893-94 foi de perseguição aos portugueses e de grande epidemia de febre amarela. A reconstituição da Cia. ocorreu em plena política deflacionária.

O contrato de 1896 terminou em dezembro de 1899, sendo renovado em 1 de janeiro de 1900 por três anos, nas mesmas bases. O capital social da firma permanece o mesmo. No contrato seguinte, de 22 de maio de 1903 entram novos sócios, mas o capital social baixa para 1.200:000\$. Em dezembro de 1903 retiram-se três sócios.

No ano de 1903 ocorreu um auge das greves no Rio de Janeiro, provocado pelo encarecimento da habitação popular, decorrente da remodelação urbanística do centro da cidade, de 1902 a 1906, forçando a migração de operários e artesãos para os subúrbios, agravado pela tendência a baixa salarial que não chegou a ser compensada pelo declínio dos preços dos alimentos e congelamento do valor dos transportes. A política da vacina obrigatória agravou o descontentamento popular. A liderança das greves passa das categorias artesanais para os operários da indústria de tecidos.

Antonio Dias Leite chegou ao Brasil, em 1893, no auge da crise gerada pela revolta da Armada, do jacobinismo, da ruptura das relações entre Portugal e Brasil. A Cia. Costa Pacheco, que o convidara para trabalhar no Rio de Janeiro, se dissolvera e só se reconstituiu em 1896, na categoria de grande firma atacadista de armarinhos, modas e anexos. Começou sua carreira na Costa Pacheco como calculista, certamente devido a sua experiência na Alfândega do Porto, no banco de Londres nessa cidade e na filial em Portugal, e também como administrador de uma cia. vinhateira. O emprego de calculista não tinha futuro, procurou ingressar na carreira de caixeiro, levando uma vida dura de longas horas de trabalho e moradia no emprego. Como caixeiro viajante seus horizontes ampliaram-se. Percorria os mercados de Minas Gerais, São Paulo, Estado do Rio de Janeiro e recebia os fregueses do nordeste e do norte. Passou em seguida à posição de chefe de escritório, comprador, interessado, gerente e sócio (em 1903). Fez a carreira de calculista a sócio entre 1898 e 1903. Em apenas cinco anos passou de pequeno assalariado a sócio com 13,34% do capital da empresa, no valor de 50:000\$. No contrato de 22 de maio de 1903 estão previstos juros de 6%.¹³

Na qualidade de comprador, Antonio Dias Leite fazia viagens a Europa a cada dois anos, circulando por Paris, Londres, Berlim, Praga e Viena. Às vezes era acompanhado pelo sócio proprietário da firma, Antonio Maria da Costa. Recebia as encomendas do Brasil, escolhia os modelos de roupas e chapéus femininos em Paris e os trajes masculinos e tecidos em Londres. Desenhava os modelos parisienses que seriam executados em Berlim onde a mão-de-obra era mais barata. As encomendas tinham de ser executadas, em especial, para o freguês, por causa das diferenças das estações do ano, entre o Brasil e a Europa.

Em carta de 3 de outubro de 1902, dirigida a Georgeta Furquim Lahmeyer¹⁴, contava que levara 39 horas de trem, de Lisboa a Paris, onde desembarcara no *Quay d'Orsay*, estação do *Sud Express*, aí o aguardava o proprietário da sua casa comercial. Estava preocupado com o enterro de Emile Zola, programado para o dia 4, que seria provavelmente motivo de grandes manifestações populares de apoio e de antagonismo. Em carta de 5 de outubro, descreve seu cotidiano em Paris:

“Levanto-me às 7, vou a Auteil tomar o banho Kneipp e chego ao escriptorio às 9^{1/2}, d’este saio ao meio dia para almoçar. Às 2 horas começamos as nossas peregrinações por casas dos fabricantes e pelos armazéns e quando às 6^{1/2} me dirijo para a rua Lafayette, “*j’ai les jambes qui me rentrent dans l’estomac*” não só de fome como de cansaço.”

Na carta de 18 de outubro, ocupa-se com encomendas de vestidos para sua família e chapéus de verão para a loja que não encontra no *Faubourg Saint Honoré, rue Lafayette* e *rue Morgador*. Dá conselhos sobre a moda: “O teu chapéu melhor está na moda bastando que lhe levantes a aba do lado esquerdo. E com certeza lhe dá um jeito e ficará magnífico.” Informa que mandou fazer um leque e comenta o penteado em voga: “(...) consiste em embrulhar a cabeça no cabelo enroscando este em volta daquela, como se faz com as tranças mas não se faz trança e apenas se enrosca ligeiramente. A cabeça d’uma mulher assim despenteada parece um grande novello de lã frouxo para bordar.”

Em 23 de outubro, escreve de Londres, expressando suas saudades e impressões da cidade. Discute as dificuldades que enfrenta no negócio para conseguir um contrato de sócio, sem o qual não poderá casar. Um dos sócios antigos reluta em se aposentar e, além dele, há outro pretendente à vaga que ainda não se abriu. Acredita que a Casa Costa Pacheco, se o não fizer sócio, o fará interessado (carta sem data, provavelmente de 1902).

Aprecia os aspectos modernos de Londres, hotéis, trens subterrâneos, elétricos, clubes com todo o conforto.

De Londres retorna a Paris, donde parte para Berlim, em 16 de novembro de 1902. Hospedou-se com o patrão no melhor hotel da cidade, em frente a *Unter den Linden*, “a rua do Ouvidor de cá.” (carta de Berlim, 17 de novembro).

“As mulheres por aqui vestem-se de um modo horrível e há sujeitos que muito sérios vão ao teatro com uma penna de gallinha no chapéu. Os condutores dos carros do correio levam um espanadorsinho no chapéu, feito de pennas de gallináceos. A cidade parece-me mais bonita que Londres, e mais feia que Paris e menor do que qualquer das duas.”

Considera Berlim a cidade mais limpa que conhece, porém, apesar do asseio e dos prédios grandes e bonitos, torna-se monótona pela uniformidade das ruas, das casas, das árvores, dos lampiões (carta de 24 de novembro). Um dia antes visitara Praga, cuja beleza o encanta. Nessa cidade comprou camisas masculinas consideradas as melhores do gênero. Foi à Ópera, “semelhante a grande ópera de Paris, há mais luxo do que em Berlim e as mulheres não são feias como lá” (carta de Praga, datada de 26 e 27 de novembro de 1902).

Em carta de 4 de dezembro, de Paris, justifica o atraso de sua volta ao Rio porque: “Fazer compras não quer dizer vir a Europa comprar, antes significa mandar encomendas do Rio, capazes de serem aqui executadas sem dificuldade.” Comenta que tem de averiguar o preço de vários artigos de vestuário em diversos países e avaliar os riscos da importação que envolvem direitos alfandegários altos e as possibilidades de consumo do mercado brasileiro, naquela época em depressão.

Antonio Dias Leite ainda estava em Paris em janeiro e fevereiro de 1903 apreensivo com a conjuntura econômica desfavorável. Só regressa ao Brasil em abril desse ano, preocupado com os maus negócios e as epidemias. Em 13 de abril o navio em que embarcara de Portugal não aportou em Pernambuco por causa da peste (carta de Paris, 14 de janeiro e 5 de fevereiro; do Porto, 13, 19, 27 de fevereiro; do Monte Estoril, 11 e 18 de março; de Lisboa, 3 de abril; de bordo do navio Amazonas, 18 de abril). Chega ao Rio de Janeiro a 28 de abril de 1903.

Alguns bilhetes sem data, parecendo ser de 1904, refletem o mesmo estado de espírito e circunstâncias do ano anterior. No final de 1903, um sócio da Casa Costa Pacheco deixou de renovar seu contrato com a empresa, abrindo, finalmente, a possibilidade de ascensão de Antonio na firma e do casamento que se realizará em 1905.

Todas as cartas de 1904 datam do Rio de Janeiro. Uma de 11 de janeiro, descreve os inconvenientes de se locomover a cavalo. Acredito que fosse por causa dos transtornos dos transportes para o centro com as obras de urbanização da prefeitura. Relata que “sacudido pelas sacudidelas do bucephalo, mas não tão desconjuntado como da primeira vez, creio que fazendo a viagem o anno inteiro quando for lá para dezembro devo estar quasi acostumado” (carta de 11 de janeiro de 1904). Em 18 de janeiro de 1904, informa a Georgeta que: “Cheguei perfeitamente às 8 horas, mudei de roupa com receito de que a polícia vendo-me assim me prendesse” e, mais adiante, lamenta: “Já estou habituado à viagem a cavalo: estou como se não tivesse saído do Rio.” A vida da cidade estava perturbada, várias regiões, tais como Santa Tereza, não tinham luz.

Algumas cartas de novembro de 1904 constituem um testemunho do ambiente da época da revolta da vacina. Em 14 de novembro desse ano informa que:

“Todas as obras da avenida estão paradas, dos lampiões elétricos não ficou um, e meia dúzia de vadios divertem-se a quebrar lampiões e bondes, tendo estes últimos desaparecido completamente da circulação. O mais estranho é que a tropa vê e não intervém. Está tudo fechado. Não se pode vender armarinho, que é pior de tudo. Estou com a cabeça esquentada e os olhos ardendo-me por não ter dormido – faz um calor abafado. Se as arruaças continuarem amanhã, é certo que ficarei para aferrolhar os meninos para que não deixem quebrar a cabeça.”

No dia seguinte, porém, já afirma: “parece que está terminada a desordem mas continua tudo paralisado”. Em 17 de novembro conclui que: “Está acabada a balburdia e apenas há umas patrulhas dispersas pelas ruas para evitar qualquer desordem.”

No ano de 1905, Antonio Dias Leite é admitido como sócio da Casa Costa Pacheco.

Em 1906 houve um declínio das greves interrompido apenas pela dos sapateiros que contaram com a solidariedade da maioria dos sindicatos do Rio de Janeiro e logram impor suas reivindicações ao patronato, após dois meses de paralisação, envolvendo perto de 60 estabelecimentos. A partir de 1906, os preços do café melhoraram até 1912, exceto no ano de 1908. A moeda estava forte e estável, a produção expandiu e os circuitos comerciais com a Europa são reabertos.

A correspondência de 1906, dos primeiros meses do ano é escassa, concentrando-se de agosto a dezembro, período de viagem à Europa, a bordo do Clyde, da Real Marinha Inglesa, que parte do Rio de Janeiro com atraso devido a greve dos carvoeiros. Dirige-se a São Vicente e Santos para, em seguida, cruzar o oceano. A 20 de agosto entra na Barra do Tejo. Nessa viagem, repete-se em grande parte o circuito anterior, Portugal, Paris, Londres, Berlim, acrescentando-se Budapeste e Dresden. Refere-se à vida cultural, à compra de livros e, a propósito de um pedido de emprego que lhe é feito, analisa as diferenças entre as mentalidades dos comerciantes e dos descendentes das famílias da aristocracia rural decadente. Segundo ele, o candidato ao emprego:

“Aspira a alguma coisa mais do que ser empregado bem remunerado n’uma casa commercial – pretende qualquer coisa em que trabalhe com amor. Qualquer coisa que mais do que lucro lhe dê honra. Qualquer coisa em que seja preciso mais intelligencia do que trabalho, qualquer coisa em que possa brilhar ao mesmo tempo a sua intelligencia, educação, illustração, savoir vivre. Uma coisa que venha augmentar o bom nome dos Kendall e prove ao mesmo tempo que se elle não brilhou nos cargos que occupou é porque os cargos não estavam a altura d’elle. Je ne sais pas si je me fais comprendre? Como se diz numa revista da Scala.

O que elle quer exactamente não sei nem elle o sabe, - mas com o tempo, se a tal oportunidade surgir elle a verá e procurará aproveitar – política, diplomacia, finança ou coisa parecida mas em todo o caso qualquer coisa acima da média das aspirações burguesas. Foi o que numa bela noite estrellada me pareceu apprehender das suas idéias.” (carta de 18 de novembro de 1906)

Chega em Berlim na ocasião de um feriado religioso, considerado dia de arrependimento dos pecados cometidos pelos fiéis, comenta a estadia no trecho transcrito abaixo:

“Para não lembrar dos meus inúmeros pecados estive vendo amostras até a huma da tarde, depois saímos para almoçar e em seguida a Unten den Linden na esperança d’ encontrar um automóvel em que pudéssemos ver um pouco de Berlim. Lá encontramos um auto mas em vez d’ elle tomamos uma carruagem puxada por velhíssimo cavallo, o que teve a dupla vantagem de não fazer tamanha corrente d’ ar e, marchando menos rápido que o automóvel, deixar-nos apreciar melhor as ruas por onde passávamos. Na Thiergarten Bahnhof tomamos o comboio onde me envenenei por 10 minutos n’ um compartimento de fumistas (II^a Classe) até Friedrichs Srasse cuja estação é pertinho do hotel.” “Berlim melhora e aumenta n’ uma proporção e com uma rapidez verdadeiramente admiráveis. Creio que a sua população já deve ser igual a de Paris, uns 3 milhões de habitantes e se não tem um Louvre e uma Ópera, em compensação, a media das ruas e casas é mais ampla, mais bonita e mais limpa.” (carta de 21 de novembro de 1906)

No dia 28, Antonio saiu junto com um companheiro de trabalho, de Berlim para Praga, parando algumas horas em Dresden, “é uma bella cidade, muito bem edificada, muitos palácios mas fiquei um pouco desapontado com a galeria de pinturas que é boa mas a julgava muito melhor.” A próxima carta é de 5 de dezembro, de Viena, e refere-se quase exclusivamente às compras de tecido e vestuário. Também considerou Budapeste um bom mercado. Em carta de 3 de janeiro de 1907, informa que pretende regressar pelo Amazon no dia 11. Não se conservaram outras cartas desse ano, ou de 1908.

Em 10 de agosto de 1909 estava a bordo de um navio da Cia. de Navegação de Hamburgo, aguardando a escala em Southampton no dia seguinte, para desembarcar em Boulogne, no dia subsequente. Refere-se à passagem por Portugal, agitado pelo anticlericalismo.

De Paris comunica sua intenção “de ver mais aeroplanos” e seus projetos de regresso em novembro (carta sem data). Em 16 de agosto escreve de Chatel Guyon, na Suíça, nele permanece por alguns dias para tratamento de águas.

Em 26 de setembro de 1909 escreve de Paris e refere-se à intenção de ir às corridas de Longchamps para observar as modas, visitar o Grand Palais e a exposição de

aeroplanos, vendo inclusive o de Bleriot que atravessou a Mancha e o Baby de Santos Dumont, expressando sua surpresa com a rapidez do progresso da aeronáutica. Descreve e desenha os modelos de chapéus que estão em voga e visita o Louvre. Em 9 de outubro volta a referir-se aos aviões:

“É uma coisa admirável ver o aeroplano partir: correr pelo chão e elevar-se gradualmente, depois voltar à direita e à esquerda, subir e descer com as rodinhas de “lancement”, dependuradas como as garras d’um pássaro e por fim baixar, diminuindo a velocidade até que de novo as rodinhas tocam o chão e percorrem uma pequena distância até parar de todo.”

Num dia, 200.000 pessoas visitaram a exposição, os trens não davam vazão. Em Jouisy, local do evento, não sobrou comida, carruagens cahiam na estrada, mais de 40 automóveis ficaram abandonados em pane; mulheres tiveram chiliques. No dia seguinte, o piloto Paulhan caiu com seu monoplano e “pencas de gente” foram ver o acidente.

Não existem cartas de 1910 e 1911; em 1912-1913 Antonio retorna à Europa, seguindo percurso semelhante aos anteriores. Apesar da guerra, ele ainda faz uma viagem de negócios em 1915.

Não se conservaram cartas de 1916, 1917 e 1918, anos em que as importações da Europa declinaram drasticamente.

Em 1918 Antonio Dias Leite saiu da Casa Costa Pacheco, onde trabalhou 20 anos (1898-1918), e fundou sua própria firma, em sociedade com o comerciante português, José Rodrigues Siqueira, em plena guerra europeia, assassinato do presidente da república portuguesa e epidemia de gripe espanhola no Rio de Janeiro, tendo a Casa Siqueira Leite contribuído para o sustento dos doentes e sendo pioneira na proposta de ajuda.

Um dos jornais mais divulgados da colônia, A Pátria Portuguesa¹⁵, refere-se à Casa Siqueira Leite e Cia. como um dos grandes estabelecimentos desta capital (Rio de Janeiro) no comércio de fazendas por atacado. A sede era no centro do Rio de Janeiro, à rua de São Pedro e além de fazendas negociava com armarinhos. A firma está registrada nos Almanques Laemmert¹⁶ dos anos de 1925 e 1929 como Sequeira Leite e Cia. de comércio por atacado de fazendas, malhas e colchas. Não consegui obter dados sobre a firma na Junta Comercial onde o acesso aos documentos é muito difícil.

O Jornal do Commercio de dezembro de 1918 revela através dos anúncios como predominava o modelo francês e o prestígio das casas de varejo que importavam diretamente da França. Os anúncios eram redigidos em francês, como, por exemplo, os do dia 11 de dezembro, “Robes d’Été”, Alice Strass, 175 rua des Laranjeiras” ou outro

intitulado “Elegancias importadas de Paris, RJ, av. Rio Branco, Paris 8, cité d’Hauteville. No dia 12 encontramos vários do mesmo tipo, tais como: “A Casa Central Perfumes Franceses, av. Rio Branco, 142”, “Été Madame Nadine chega de Paris com modelos, rua do Catete 44”, e no dia 13 “Robes d’Été Liquidation Mme. Andrée Devin partant en janvier pour faire ses achats d’hiver informai (sic) sa clientèle qu’elle liquide jusqu’à la fin du mois, au Rio Branco 137, sala 44, 2º andar.” Em 14 encontra-se, entre outros, o anúncio: “Chapeus Chics, rua Gonçalves Dias”. O Jornal noticia, no dia 18, “Fany Kchan recebeu, pelo vapor Liger de Paris, vestidos de soirée e de passeio”, em 28 “Camizaria Franceza 133 av. Rio Branco e en Paris rue des Petits Hotels, 25, artigos para homens, senhoras, cama, mesa e toilette.” Em 22 o jornal informa, com destaque, a grande “Exposition de robes d’été, blouses, chapeaux, arrivés par le dernier bateau, chez Mme. De Flarille, 96 rue 7 Septembre.” É o cúmulo do afrancesamento, a tradução do nome da rua que celebra a data da independência do país.

Percorrendo o Jornal do Comércio na década de vinte e trinta, nota-se que a moda continua sob a marcante influência francesa, refletida nos anúncios similares aos de 1918, tais como os de 2 e 3 de novembro de 1925: “Mme. Silbert viens d’arriver de Paris avec des ravissantes collections de robes modèle pour la saison d’été et aussi les chapeaux Rosedescat et L’movinier, rua Carvalho Monteiro, 99”, “Mme. Banachi Previent sa distinguée clientèle que en attendant des nouvelles collections d’été, fera quelquer jours de liquidation des robes dernièrementement reçues, Paysandu 109”.¹⁷

Do período após a primeira guerra mundial só existem cartas relativas aos anos de 1919, 1925 e 1929. Como proprietário de firma Antonio Dias Leite tinha menos oportunidades de fazer viagens de negócio à Europa. A depressão de 1929 também prejudicou esse intercâmbio.

As importações do estrangeiro eram realizadas pelo comprador da firma e mantinha-se o mesmo circuito da Casa Costa Pacheco.

Antonio Dias Leite foi o liquidatário da firma Siqueira Leite, em 1930. Em suas anotações, datadas de 1932, indica que o capital da empresa era de 96:499\$310.

Segundo informações da Junta do Comércio¹⁸ (do acervo preservado no Arquivo Nacional), Antonio Dias Leite tinha um capital de 50:000\$000 aplicados na Costa Pacheco no período de 1903 a 1906. Supondo que investiu soma próxima desta quantia na sua firma que seria igual a do sócio Siqueira, o capital da nova empresa deveria ser de cerca de 100:000\$000 em 1918. O juro previsto no contrato de 1903-1906 era de 6%, o que permitia ao investidor fazer as retiradas necessárias ao seu sustento, custear o negócio e conservar o valor do principal. Era, portanto, um investimento lucrativo.

A correspondência rapidamente analisada nessa comunicação revela a extensão e relativa integração do mercado interno, a importância do circuito de importação

internacional de bens de consumo, o perfil de um comerciante que contradiz os estereótipos sobre o comerciante português. Antonio Dias Leite trabalhara em Portugal, com Eiffel, na Inglaterra, no banco de Londres, numa livraria famosa de Lisboa, conhecia cinco línguas, era apreciador de teatro, de ópera, de música, possuía uma vasta biblioteca de literatura e história, e tinha clara consciência da condição da burguesia e da aristocracia rural.

Também mostra que havia uma adaptação da moda francesa dominante à demanda do consumidor brasileiro e ao clima do Brasil. Nas casas de atacado e varejo, como a Costa Pacheco, ou só de atacado, como a Siqueira Leite, a importação não era exclusivamente da França; havia uma multiplicidade de países fornecedores, em contraste com as lojas do mesmo ramo de varejo que importavam apenas diretamente da França.

A correspondência destaca o papel do comprador dedicado ao comércio externo em contraste com caixeiro-viajante vinculado ao mercado interno.

Bibliografia

Fontes Primárias

Junta Comercial do Rio de Janeiro

Nome	Ano	Livro	Registro	
Costa, Pacheco & Cia.	1885	169	27884	Contrato
				s
	1889	222	33109	Contrato
				s
	1889	221	33087	Contrato
				s
	1891	2	124	Firmas
	1892	11	1404	Firmas
	1892	266	37529	Contrato
				s
	1892	266	3716	Contrato
				s
	1896	322	43143	Contrato
				s
1896	22	4595	Firmas	
1900	384	49330	Contrato	
			s	
1900	37	9077	Firmas	
1903	45	11555	Firmas	
1903	422	53100	Contrato	
			s	
1903	421	53094	Contrato	
			s	
Costa & Pacheco	1893	13	1805	Firmas
	1893	273	38241	Contrato
			s	
Costa Pacheco & Almeida	1890	243	33504	Contrato
				s

Cartas de Antonio Dias Leite para Georgeta Furquim Lahmeyer (manuscritas) –
Arquivo particular de Laura Leite Maia

Londres, s.d. (provavelmente de 1902)
Paris, 3 de outubro de 1902
Berlim, 17 de novembro de 1902
Berlim, 24 de novembro de 1902
Praga, 26 e 27 de novembro de 1902
Paris, 4 de dezembro de 1902
Paris, 14 de janeiro de 1903
Paris, 5 de fevereiro de 1903
Porto, 13, 19 e 27 de fevereiro de 1903
Lisboa, 3 de abril de 1903
A bordo do Amazonas, 18 de abril de 1903
Rio de Janeiro, 28 de abril de 1903
Rio de Janeiro, bilhetes de março a dezembro de 1903
Rio de Janeiro, 11 de janeiro de 1904
Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 1904
Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1904
Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1904
Lisboa, 18 de novembro de 1906
Berlim, 21 de novembro de 1906
Praga, 28 de novembro de 1906
Viena, 5 de dezembro de 1906
Budapeste, 3 de janeiro de 1907
A bordo do Clyde, 10 de agosto de 1909
Paris, sem data
Chatel Guyon, 16 de agosto de 1909
Paris, 26 de setembro de 1909
Paris, 9 de outubro de 1909

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 1918, p. 16.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1918, p. 18 e 20.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1918, p. 20.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 1918, p. 15.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1918, p. 20.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 1918, p. 23.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 1918, p. 19.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 2 de novembro de 1925, p. 20.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 3 de novembro de 1929, p. 5.

Junta Comercial Contratos, Distratos mudanças nas sociedades comerciais.
Jornal do Commercio de 3 de novembro de 1925.

Anuario de commercio, indústria, agricultura, profissões da capital Federal dos Estados Unidos do Brasil – Almanack Laemmert. D.F., Editora Oficina Typographica do Almanack Laemmert, 1925, 1º vol., p.1.096, e 1929, 2º vol., p. 350.

Fontes Secundárias

GOLDSMITH, Raymond . Brasil 1850-1984: desenvolvimento financeiro sob um século de inflação. São Paulo, Companhia das Letras, 1992. p. 49, apud Wagner Chagas Menezes, opus cit. p. 93.

LOBO, Eulália Maria Lehmeyer. Fontes para a História do Comércio na Cidade do Rio de Janeiro. In: Boletim de Fuentes – América Latina en la Historia Económica. Casas Comerciales, México, Enero-Junio, 1998, n. 9.

MENEZES, Wagner Chagas de. Costurando os retalhos: configuração e cotidiano do pequeno comércio do espaço central da cidade do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado – Centro de Estudos Gerais, Instituto de Ciências Humanas, Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, 1998, mimeo. p. 79-80-81.

QUENTAL, Eça. Figuras da Colonia. Antonio Dias Leite, A Pátria Portuguesa, ano VII, Rio de Janeiro, 4 de novembro de 1931.

VIEIRA, Rubenita. O Tribunal do Comércio: modernização e imobilismo (1851-1889) 2v. Dissertação de Mestrado em História, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1985. p. 384-385, 402 e 487.

NOTAS:

- ¹ LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. Fontes para a História do Comércio na Cidade do Rio de Janeiro. In: Boletim de Fuentes – América Latina en la Historia Económica. Casas Comerciales, México, Enero-Junio, 1998, n. 9.
- ² MENEZES, Wagner Chagas de. Costurando os retalhos: configuração e cotidiano do pequeno comércio do espaço central da cidade do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado – Centro de Estudos Gerais, Instituto de Ciências Humanas, Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, 1998, mimeo. p. 79-80-81.
- ³ VIEIRA, Rubenita. O Tribunal do Comércio: modernização e imobilismo (1851-1889) 2v. Dissertação de Mestrado em História, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1985. p. 384-385, 402 e 487.
- ⁴ Arquivo Nacional. Rio de Janeiro. Junta do Comércio do Rio de Janeiro, Livro de Firmas, no. 2, registro 124, 1891, manuscrito.
- ⁵ MENEZES, Wagner Chagas de. Opus cit., p. 93.
- ⁶ GOLDSMITH, Raymond . Brasil 1850-1984: desenvolvimento financeiro sob um século de inflação. São Paulo, Companhia das Letras, 1992. p. 49, apud Wagner Chagas Menezes, opus cit. p. 93.
- ⁷ Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, Junta do Comércio, Livro de Firmas no. 11, registro 1404, 1892, manuscrito.
- ⁸ Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, Junta do Comércio, Livro de Firmas no. 22, registro 4995, 1896, e no. 37. Registro 1.900, 1897, manuscrito.
- ⁹ Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, Junta do Comércio, Livro de Contratos no. 169, registro 27.884, 1885, manuscrito.
- ¹⁰ MENEZES, Wagner Chagas de. Opus cit. p. 283.
- ¹¹ Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, Junta Comercial, Livro de Contratos no. 169, registros 33018, 33063 e 33086, manuscritos. Livro de Contratos no. 221, registro 33087, manuscrito.
- ¹² MENEZES, Wagner Chagas de. Opus cit. p. 283.
- ¹³ Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, Livro de Contratos no. 421, registro 53.094, 1903. No contrato de 22 de maio de 1903 aparece, pela primeira vez, o nome de Antonio Dias Leite como sócio. O capital da firma distribuía-se da seguinte forma:
- | Nome | capital | divisão dos bens | retiradas |
|------------------------------|-----------|------------------|-----------|
| Antonio Maria da Costa | 600:000\$ | 35% | 2:500\$ |
| Antonio Dias Leite (Pacheco) | 50:000\$ | 13,34% | 1:250\$ |
| Alvaro Rocha | 50:000\$ | 13,33% | 1:250\$ |
| Alvaro Americo Machado | 50:000\$ | 13,33% | 1:250% |
| A Julio da Costa | 450:000\$ | 25% | 2:500\$ |
- ¹⁴ Cartas manuscritas de Antonio Dias Leite, todas dirigidas de vários locais na Europa para a noiva, Georgeta Furquim Lahmeyer, residente no Rio de Janeiro – Arquivo particular de Laura Leite Maia.
- ¹⁵ QUENTAL, Eça. Figuras da Colonia. Antonio Dias Leite, A Pátria Portuguesa, ano VII, Rio de Janeiro, 4 de novembro de 1931.

¹⁶ Anuario de commercio, indústria, agricultura, profissões da capital Federal dos Estados Unidos do Brasil – Almanack Laemmert. D.F., Editora Oficina Typographica do Almanack Laemmert, 1925, 1º vol., p.1.096, e 1929, 2º vol., p. 350.

¹⁷ Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 1918, p. 16.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1918, p. 18 e 20.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1918, p. 20.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 1918, p. 15.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1918, p. 20.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 1918, p. 23.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 1918, p. 19.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 2 de novembro de 1925, p. 20.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 3 de novembro de 1929, p. 5.

¹⁸ Arquivo Nacional – Junta Comercial do Rio de Janeiro, Ano 1903, Livro 421, Registro no. 53.094. Uma firma com capital de 100:000\$ deveria ser enquadrada como de grande porte como se pode observar, comparando com o capital das empresas registradas na Junta do Comércio, publicado no Jornal do Commercio de 3 de novembro de 1925. Junta Comercial Contratos, Distratos mudanças nas sociedades comerciais.